

FEMINISMOS BRASILEIROS NO FACEBOOK: UMA CARTOGRAFIA PIRATA

ANA PAULA FREITAS MARGARITES¹;
CARLA GONÇALVES RODRIGUES²

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação – UFPel – anamargarites@gmail.com

² Docente do Programa de Pós Graduação em Educação – UFPel – cgrm@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é discutir os processos de produção de subjetividades feministas engendrados nos sites de redes sociais (SRS), tendo por objeto as imagens e textos que circulam em páginas brasileiras sobre o tema no Facebook. Buscamos mapear diferentes perspectivas do feminismo visíveis nesta rede, relacionando a noção de constituição de modos de vida ao funcionamento dos SRS. Alinhamo-nos com as discussões pós-estruturalistas propostas por autoras como Rosi Braidotti (2002) e Judith Butler (2017) que, por dentro do feminismo, colocam em questão as disputas identitárias que perpassam tais lutas.

Pensamos, com Félix Guattari (1999), que o pressuposto de um indivíduo que é origem e centro do pensamento, senhor de suas reflexões e ações, é desconstruído pela noção de uma subjetividade nunca dada, mas sim em constante processo de produção onde articulam-se diferentes vozes. Consideramos que os SRS e seus modos de funcionamento governados por algoritmos configuram-se hoje como as tecnologias que mais transitam entre os diversos âmbitos da realidade social.

Por lidarmos com um tema de pesquisa que se aventura a acompanhar processos enquanto estes acontecem, vemos nas proposições de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011), Suely Rolnik (2006) e Virgínia Kastrup (2012, 2013) possibilidades de acolhimento do inesperado, optando pela cartografia como orientação metodológica para este estudo.

2. METODOLOGIA

Este trabalho busca inspiração na cartografia (DELEUZE e GUATTARI, 2011) na intenção de criar um mapa dos processos de produção de subjetividade a partir de imagens e textos veiculados por páginas feministas brasileiras no Facebook. De acordo com Kastrup (2012, p.32), o método cartográfico “visa acompanhar um processo e não representar um objeto”, favorecendo assim o encontro com a produção de modos de existência enquanto estes se configuram e se desmancham. Para Rolnik (2006), a cartógrafa é alguém com um tipo de sensibilidade que permita perceber as coexistências entre as macro e micropolíticas, complementares e indissociáveis na constituição da realidade social.

É importante destacar o papel que o algoritmo do Facebook assume na produção de dados desta pesquisa. Ainda que os detalhes de seu funcionamento sejam desconhecidos fora do ambiente em que é desenvolvido, sabe-se (BUCHER, 2017) que o Facebook opera em um regime de retroalimentação conduzido por inteligência artificial: as interações dos usuários com o conteúdo exibido em sua linha do tempo servem como dados para a decisão do algoritmo a respeito do que exibir a seguir. Quanto mais se interage com o conteúdo publicado por um usuário ou página, mais o algoritmo “aprende” a respeito do

usuário, e publicações que lhe interessam serão exibidas a seguir. Esta funcionalidade facilita a formação de caixas de ressonância (PFEFFER et. al., 2013), isolando os usuários em bolhas onde circulam opiniões semelhantes.

Levando-se este algoritmo em consideração, o processo acompanhado neste estudo iniciou-se com a ação de seguir (ou “curtir”) diferentes páginas brasileiras que publicam conteúdo feminista no Facebook. À medida que interagimos com o conteúdo publicado por estas páginas (reagindo ou comentando as publicações), alimentamos o algoritmo para que mais *posts* sejam exibidos e mais páginas sejam sugeridas. Assim, esta pesquisa busca *hackear* / piratear o algoritmo, ao mesmo tempo em que assume sua importância. Falamos não apenas das discussões feministas que acontecem em páginas com milhares de seguidoras, mas também daquilo que vaza, das discussões menores que constituem linhas de fuga para além das pautas majoritárias dos feminismos.

O arquivo de dados aqui discutido foi produzido a partir de capturas de telas coletadas mensalmente no Facebook entre janeiro e junho de 2019 durante o período da lua cheia. A decisão que se tomou por utilizar a lua como critério para o recorte deu-se por duas razões: por um lado, a associação que comumente se faz entre os ciclos lunares e o universo feminino (SADOFF, 1978); por outro, a relação que existe entre a lua cheia e o movimento das marés, compondo neste estudo a imagem de um oceano por onde navega a cartógrafa / pirata.

Na composição deste mapa / carta náutica, os *posts* de que tratamos nesse momento da pesquisa correspondem àquilo imediatamente perceptível num primeiro contato com o material. Falamos dos temas e dos motivos que estão presentes frequentemente; entendemos que aí encontramos pistas sobre os processos de produção de subjetividade engendrados nas páginas aqui discutidas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Braidotti (2002), o ciberespaço é uma das zonas onde a disputa pelo controle sobre a imagem contemporânea é mais visível hoje. Para a autora, o feminismo vem tomando parte nesta batalha, lutando por uma re-significação positiva de suas demandas. Às lutas das mulheres do Século XX pelo fim da violência de gênero e pelo acesso aos direitos reprodutivos para todas, a autora soma as discussões sobre classe, raça, etnia e idade que, na internet, transformam o feminismo em uma multiplicidade.

No recorte da pesquisa que aqui apresentamos, detemo-nos em duas zonas que emergem nesta cartografia: tratamos das discussões em torno do feminismo negro e das mulheres transsexuais, campos que possibilitam debates em meio a questões como o conceito de feminismo, a questão da interseccionalidade e a própria categoria “mulher”.

As discussões acerca do conceito de gênero – entendido comumente como um conjunto de aspectos culturais que operam na determinação de papéis sociais relacionados ao sexo, biologicamente determinado (SCOTT, 1995) – contribuem para a compreensão da precariedade da noção de sujeito. A universalidade deste conceito é posta em xeque uma vez que seu alcance limitado não considera a experiência de mulheres e de outros grupos em situação de invisibilidade.

No caso do feminismo negro, ainda outra questão é colocada: as tentativas de construção de um sujeito político universal, buscado a partir de uma experiência comum entre as mulheres, desconsidera as realidades das negras e indígenas (CARNEIRO, 2003). Pautas que pretendiam atender a todas as

mulheres (como o acesso ao mundo do trabalho) são criticadas por não dizerem respeito à vida das mulheres negras (que sempre precisaram trabalhar), precisando então ser revistas (através de ações afirmativas e da luta pela equiparação salarial, entre outras práticas).

No Facebook, as demandas das feministas negras emergem na afirmação da necessidade da integração dos marcadores de raça e classe no debate, perguntando¹: “Seu feminismo chega na sua empregada? Chega na mina pobre periférica?”. A noção de privilégio aparece como uma variável a ser considerada em relações de poder dinâmicas, onde “oprimido” e “opressor” não são rótulos consolidados, mas posições dinâmicas ocupadas pelos sujeitos.

O feminismo negro também se nutre de exemplos: surgem nas páginas notícias de mulheres negras bem-sucedidas nos esportes, na música, nas artes, na vida acadêmica e em outras carreiras profissionais. Nestas celebrações aparecem também homens, como é o caso do ator Mahershala Ali festejado² ao receber o Oscar de melhor ator coadjuvante. Atentas às intersecções entre gênero, raça e classe, as páginas visitadas entendem que o homem negro é também marginalizado, sendo inclusive o principal alvo da violência policial denunciada também em publicações com as quais nos deparamos.

Enquanto as mulheres negras instalam um debate sobre a necessidade de interseccionalidade nos feminismos, as transexuais introduzem ainda outra questão: o que é, afinal de contas, “uma mulher”? Quais os limites das definições de sexo e gênero?

Os feminismos atribuem diferentes significados e importância às noções de sexo e gênero. Se para Scott (1995) o gênero aparece como uma categoria útil para compreender a história, para Millet (1970) o que interessa são os sexos (não vistos como dois opostos, mas como um *continuum* – existem muitos sexos); o gênero, culturalmente constituído, deve ser desconstruído para que se possa enfim atingir a igualdade. Para Butler (2017), gênero não está para a cultura enquanto o sexo está para a natureza; o gênero também produz o sexo, colocando-o como uma dualidade (macho / fêmea) supostamente estabelecida no lugar pré-discursivo da natureza. O sexo de um corpo não é dado ou estático; tanto sexo quanto gênero são discursivos e produzidos historicamente.

Nas páginas que vimos, diferentes visões sobre sexo e gênero levam a reações divergentes quanto ao caso das mulheres transexuais. O problema dos banheiros emerge com intensidade. Uma página compartilha uma publicação³ onde se lê: “[afirmar que] Pessoas trans não estão banidas dos banheiros já que podem usar aqueles destinados ao seu sexo designado [no nascimento]’ é tão certo quanto dizer que ‘pessoas gays não estão banidas do casamento já que podem casar com alguém do sexo oposto’”. Outra página compartilha um *post* que critica um cartaz⁴ pedindo respeito a pessoas trans em banheiros de uma universidade estadunidense; de acordo com o texto que acompanha o cartaz, a inclusão de trans e pessoas não-binárias em banheiros femininos é uma ação misógina, que leva ao silenciamento de mulheres que se sentem desconfortáveis e inseguras com situação.

¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/TODASFridasoficial/photos/1102431346596503/>. Acesso em 22/02/2019.

² Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes/posts/10155852911056816>. Acesso em 27/03/2019.

³ Disponível em: Disponível em: <https://www.facebook.com/Transfem/photos/1713408872138057/>. Acesso em 27/03/2019.

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/FelinismoRadical/posts/2220000884914992>. Acesso em 25/05/2019.

Em muitas publicações, os termos *rad*⁵, *queer*⁶ e TERF⁷ são usados de forma ofensiva nas discussões entre as feministas. Parece que, neste caso, o isolamento das correntes dentro do movimento é potencializado pelo funcionamento do Facebook, que segrega opiniões semelhantes em “bolhas” onde há pouco espaço para a multiplicidade.

4. CONCLUSÕES

Até o momento, pensamos que os feminismos brasileiros nos SRS favorecem a emergência de novos modos de ser que desterritorializam muitas formulações a respeito do sexo, gênero e do próprio movimento. No entanto, consideramos que esta desconstrução muitas vezes termina por cristalizar-se em outros modelos de identidade, processo no qual os algoritmos de funcionamento dos sites em questão constituem forças que devem ser consideradas.

Neste sentido, pensamos na necessidade de piratear o algoritmo através da perturbação do uso das redes. De posse de uma ética de pesquisa *hacker*, disposta a enfrentar as vozes maiores, buscamos escapar daquilo que nos chega, sem esforço, pelo algoritmo. Ao subverter as máquinas que trabalham para a manutenção do status quo, uma cartografia pirata nos leva a considerar outros cenários para os feminismos na contemporaneidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. **Labrys, estudos feministas**. Brasília, n. 1-2, jul./dez. 2002.
- BUCHER, Taina. The algorithmic imaginary: exploring the ordinary affects of Facebook algorithms, **Information, Communication & Society**, Abingdon, UK, v. 20, n.1, p. 30-44, 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- GUATTARI, Félix. Da Produção de Subjetividade. In: PARENTE, A. (org.) **Imagem-máquina**. A Era das Tecnologias do Virtual. Rio de Janeiro: 34, 1999.
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo et al. (org.). **Pistas do Método da Cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 32-51.
- MILLETT, Kate. **Política Sexual**. Lisboa: Dom Quixote, 1970.
- ROLNIK, Sueli. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- SADOFF, Dianne. Mythopoeia, the Moon, and Contemporary Women's Poetry. **The Massachusetts Review**, Massachusetts, USA, Vol. 19, No. 1, p. 93-110, 1978.
- SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

⁵ Abreviação de “radical”, referente ao feminismo radical (corrente do feminismo que propõe o abandono da noção de gênero).

⁶ Diz-se dos adeptos da “teoria queer” (que consideram gênero e sexo como construções sociais).

⁷ Abreviação de “*Trans-exclusionary radical feminist*”, ou feminista radical trans-excludente.